

SE O CASCALHO INFORMA BEM A PENEIRA TIRA A DÚVIDA: **Geografia e pesquisa qualitativa nos garimpos de diamantes em** **Coromandel/MG**

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Marcelo Rodrigues Mendonça

Introdução

Se procurar bem você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.
Carlos Drummond de Andrade

O artigo mostra o caminho metodológico desenvolvido na pesquisa de mestrado realizada em garimpos de diamantes no município de Coromandel/MG, localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão resultou na dissertação intitulada “*A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG*”. Aqui se busca evidenciar as possibilidades de se trabalhar as diversas técnicas e procedimentos metodológicos no âmbito da pesquisa qualitativa em Geografia, como pesquisa de campo, observação, diário de campo e entrevistas. Elas propiciam diferentes interpretações através da leitura geográfica dos sujeitos, relações e territórios onde vivem e trabalham.

A história e a geografia de Coromandel se conjuntem com os garimpos e os garimpeiros de diamantes. Com o descobrimento dos primeiros diamantes no início do século XIX, o garimpo passou a desempenhar um papel significativo no âmbito econômico, social, cultural e político. Desde então, a exploração desse mineral vem se efetuando no Município, sempre incitando a continuidade das atividades de garimpagem, responsáveis por considerável movimentação econômica, empenhada por garimpeiros manuais, camponeses, empresários, fazendeiros, comerciantes, cooperativas de garimpeiros e empresas com capital nacional e transnacional. No decorrer desse período, assim como as águas correntes dos rios e córregos em Coromandel, o devir continua cavando sulcos profundos na realidade, transportando fragmentos de histórias, sonhos e esperanças da *sociedade coromandelense*. Pode-se

dizer que os diamantes marcam profundamente as tramas cotidianas da vida e do trabalho dos diferentes sujeitos que constroem a realidade social do Município.

Os garimpos de diamantes *acumulam* décadas de trabalho dos garimpeiros. Assim, por meio da pesquisa qualitativa, adentramos territórios e trazemos para o âmago da pesquisa o papel dos garimpos de diamantes, os grandes diamantes encontrados, o fascínio que o garimpo representa na imensidão ilimitada do horizonte imaginário, o saber fazer dos garimpeiros, a vida e o labor cotidiano nos *espaços tradicionais de garimpagem*¹ em Coromandel, também movimentados por camponeses, benzedores, raizeiros, fazendeiros e *capangueiros*².

Em Coromandel, através da ação dos *garimpeiros da pedra rara*, revirando montes de cascalhos ou furando profundos buracos, derramando suor do rosto nos solos, lágrimas nos olhos de emoção ou tristeza que o Município se transformou em “*Terra dos Diamantes*”. Com o garimpo, alguns ficaram ricos, muitos ainda estão pobres. Outros passaram a viver apenas das lembranças dos momentos faustosos do passado. Pedras extraídas por mãos calejadas de garimpeiros enfeitaram e enfeitam anéis e colares usados por madames, príncipes e princesas européias.

Muitos garimpeiros, com os cabelos esbranquiçados, olhos ainda brilhantes e lembranças vívidas, trazem a lume as épocas em que os diamantes afloravam no cascalho e eram achados nos aluviões dos rios e córregos com facilidade. Contam histórias de grandes diamantes que foram parar em outras mãos, saídos de *picuás*³ para os cofres em bancos e casas de leilões, extraídos por sujeitos que ainda continuam pobres e na solidão de uma vida dominada por um trabalho árduo. Vendedores de picolés, espetinhos e salgados nas ruas e praças, empurram “carrinhos” não mais carregados de cascalho diamantíferos como faziam quando eram garimpeiros, mas, continuam sonhando com os diamantes. O varredor de rua que ainda tem vontade de substituir a vassoura por pás e peneiras no garimpo. O velho cuja possibilidade de voltar a garimpar foi interrompida entre as portas trancadas e paredes do asilo, mas, continuou sonhando com os rios, paisagens, pássaros e diamantes.

Na pesquisa, as vozes dos sujeitos continuam ecoando nestas linhas. São camponeses, garimpeiros, *trabalhadores da terra*⁴, trabalhadores sem terra e desempregados cujas experiências existenciais se misturam com o garimpo e o salto social e econômico que ele anuncia, diante das oportunidades de enriquecimento súbito

com a *virada da peneira*⁵. Para adentrar aos territórios e apreender as tramas construídas no cotidiano da vida e trabalho desses sujeitos, o caminho metodológico contou com a contribuição da pesquisa qualitativa em Geografia, possibilitando lançar novos olhares aos trabalhadores e as realidades em transformação nos garimpos de diamantes.

O caminho metodológico: pesquisa qualitativa em Geografia

O método adotado numa determinada ciência fundamenta a apreensão do real. Nesse processo, com a inserção do pesquisador na realidade social, é importante enfatizar que as relações e os significados são considerados como produto do homem social e, o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social (KOSIK, 1976). O método escolhido é a expressão da concepção de mundo que norteia a visão do pesquisador diante da realidade apreendida, sua percepção filosófica, isso corresponde ao *método de interpretação* (MORAES; COSTA, 1987). A partir do *método de interpretação*, o caminho traçado na pesquisa, orientada por uma dada concepção de mundo e um projeto político, se complementa com a escolha dos procedimentos metodológicos, das técnicas e ferramentas que permitem capturar os processos, levantar dados e fazer entrevistas, capazes de tornar inteligível os elementos e suas relações, através do *método de pesquisa* (MORAES; COSTA, 1987).

De acordo com Pessoa (2006) a ciência é dinâmica, encontra-se sempre em processo de mudança e à procura de novos resultados, o que não está separado da materialidade das transformações sociais, políticas, econômicas e ambientais da sociedade. Assim, a crise do modelo de racionalidade científica ou da ciência (neo)positivista potencializou esforços na tentativa de propor diferentes métodos e procedimentos metodológicos, que englobassem as aceleradas transformações históricas no período do pós-segunda guerra (SOUZA; PESSÔA, 2009). Neste contexto, começa a ganhar força nas ciências sociais como a antropologia, a sociologia e mais recentemente, também presente na Geografia, técnicas de pesquisa qualitativa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003) a análise qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a análises fragmentárias. Na pesquisa qualitativa, a

imersão do pesquisador na realidade pesquisada, a fim de interpretá-la e interagir com os sujeitos e os territórios constitui numa característica fundamental. Esta inserção é municiada de significados e elementos que exigem daquele que pesquisa uma postura teórico-metodológica adequada para que os fenômenos possam ser decifrados.

A pesquisa qualitativa abre espaço para que o pesquisador possa se aproximar do conhecimento que está inscrito na vida de cada dia, nos fazeres e saberes do cotidiano, nas múltiplas racionalidades e cosmologias, muitas delas, permanecidas por séculos nos subterrâneos do modelo de pesquisa científica eurocêntrico. Como propõe Santos (2009, p. 18) é importante proceder de uma “dupla escavação arqueológica”, escavar nos resíduos, nos escombros das relações dominantes, nas ruínas e nos fragmentos epistemológicos deixados pela modernidade ocidental e descobrir tradições alternativas, culturais, sociais e políticos que nos ajudem a reinventar a emancipação social.

Através da escolha metodológica feita pelo pesquisador é possível considerar processos por meio dos quais os saberes podem dialogar e se relacionar com a pesquisa científica, cuja análise exige comprometimento social. Para Mendonça (2004, p. 54)

[...] a escolha teórico-metodológica é eivada de significados, de trajetórias, de posicionamentos políticos. Qualquer interpretação e/ou análise espacial exige o nível de comprometimento social do pesquisador. A prioridade a determinadas categorias, as formas de construir o texto e maneira de ver o papel da ciência geográfica são maneiras de dizer como se pensa “as coisas do espaço” e a possibilidade de alterá-las está diretamente relacionada à escolha metodológica que não é aleatória ou espontânea, mas sim, política e social.

A escolha de categorias, técnicas e métodos expressa intencionalidades que perpassam a trajetória subjetiva e política do pesquisador, pois, pesquisar também é uma opção política. Priorizar determinada concepção teórica e metodológica pode contribuir para o desvendamento ou ocultação das contradições e conflitos que se chocam ou hibridizam na apropriação dos espaços e produção dos territórios. Neste sentido, a pesquisa qualitativa em Geografia permite uma maior aproximação com a realidade, com o mundo do trabalho, demonstrando significados e expressões que dão sustentação à atividade garimpeira de diamantes e aos diferentes sujeitos que compõem a trama de relações nos territórios em Coromandel/MG.

Nas áreas de garimpo, a ação dos *garimpeiros da pedra rara*, empresas transnacionais, camponeses, fazendeiros pecuaristas, empresários do agronegócio que também investem na garimpagem e cooperativas, expressam territorialidades, racionalidades, relações de produção e trabalho que divergem ou convivem, se relacionam e, paralelamente, disputam territórios. Assim, partindo do pressuposto de que o espaço é a acumulação desigual de tempos (SANTOS, 2008), compreende-se que num mesmo espaço convivem diferentes temporalidades, que implicam múltiplas relações sociais em disputa, revelando as práticas culturais dos diversos sujeitos, que não estão dissociados dos territórios que (re)organizam e vivem, forjados no interior das lutas de classe.

Como construção social e resultado do trabalho humano, na medida em que o território é produzido, fortalece o exercício do poder de determinado grupo ou classe social que objetiva manter a hegemonia, em detrimento de camponeses, *trabalhadores da terra*, desempregados e garimpeiros, desterritorializados e precarizados, que se tornam hegemônicos. A produção dos territórios se dá por intermédio do trabalho, das relações sociais, na processualidade da vida em seu devir ininterrupto, num movimento que não repousa.

Em Coromandel, os sujeitos sociais da pesquisa também mantêm com os territórios produzidos e que estão sendo sempre (re)configurados, uma relação de pertencimento, lembranças, trabalho, modos de vida, possibilidades, lutas e interesses. Por isso, o estudo dos garimpos e garimpeiros de diamantes, e das sociabilidades que permeiam os territórios, revelam em sua essência, a riqueza das relações entre as pessoas que neles (territórios) vivem, trabalham, sonham, choram, cantam e constroem saberes. Nos territórios, relações materiais e simbólicas formam uma *encruzilhada de tempos* no processo de produção das (Re)existências⁶ (PELÁ; MENDONÇA, 2010).

Como diz Moreira (2007, p. 145) “[...] o viver humano é a unidade do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua plethora de significados”. Para capturá-los na pesquisa, as ações do pesquisador são orientadas por diferentes procedimentos metodológicos enriquecidos pela pesquisa qualitativa. Isso pressupõe um diálogo não hierarquizado com as diferentes manifestações de saberes, interagindo com os lugares e os sujeitos, compartilhando cenários e paisagens.

Embasada em procedimentos qualitativos, a pesquisa no município de Coromandel permitiu adentrar nos territórios e entendê-los em suas complexidades, entrevistar, dialogar, ouvir histórias, tirar fotos, desenhar, observar os sujeitos e anotar, como se organizam, suas ações, o cotidiano e o trabalho. A pesquisa qualitativa abre horizontes para isso, evidenciando que a ciência é dinâmica, múltipla e sempre em movimento. Daí decorre que a necessidade em estar sempre aprendendo ser um grande desafio.

De acordo com Pessôa (2006), a escolha do caminho metodológico é de responsabilidade do pesquisador e está em consonância com os princípios filosóficos e posturas frente à realidade em que vive. Pesquisar é uma opção política e envolve posicionamentos reveladores de discernimentos teóricos e metodológicos. Tendo claro essa opção, procuramos detalhar a seguir os procedimentos metodológicos, técnicas e instrumentos que propiciou o contato direto com os sujeitos e a apreensão dos elementos e relações que dão sustentação ao movimento dinâmico e contraditório da realidade espacial em Coromandel/MG. Relacionamos a discussão teórica com a aplicabilidade dos procedimentos metodológicos qualitativos para a pesquisa geográfica e análises das práticas sociais sobre o espaço geográfico e produção dos territórios.

A realidade social é apreendida pelo pesquisador de forma processual, por isso as metodologias usadas emergem de acordo com as necessidades e elementos da realidade espacial apreendida, portanto, não é um dado *a priori*. O levantamento de dados a partir da pesquisa documental (fontes primárias), bibliográfica (fontes secundárias) e a pesquisa na internet aconteceram dialeticamente relacionadas com os novos referenciais, impressões, problemas e informações que foram emergindo e permitindo desvendar as tramas que permeiam os territórios.

Para Luna (2000, p. 54), a primeira regra na escolha de fontes de informação é escolher “sempre a fonte mais direta possível.” A segunda é estar “preparado para assumir, na análise das informações, as implicações da escolha feita.” Na busca por um referencial teórico capaz de alicerçar as reflexões na interpretação do espaço e metodologicamente orientadas conforme a proposta da pesquisa, foram fundamentais as vivências experienciadas em campo acompanhado pelo orientador e as conversas estabelecidas, a participação em congressos e projetos, os debates em sala de aula, eventos e atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e

Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq) e pelo Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT/UNESP/CNPq).

A escolha do referencial teórico é uma etapa processual, incluída no decorrer da pesquisa. Para isso, foi feito o levantamento bibliográfico e a localização de livros, artigos e jornais (isso também inclui a pesquisa na internet, em anais de congressos, periódicos e revistas *online*, banco de teses das universidades), utilizados na pesquisa, consultados em diferentes bibliotecas. Concomitante com esse momento fez-se leitura, fichamento e discussão das obras catalogadas no decorrer da pesquisa. A escolha do referencial teórico foi construída dialogando com a pesquisa de campo, com o teórico orientando a empiria e vice-versa. A pesquisa de campo é *desveladora* de novas complexidades que exigiram uma revisão contínua do arcabouço teórico utilizado pelo pesquisador.

A pesquisa de campo nos espaços tradicionais do garimpo

A fase em que o pesquisador estabelece a relação direta com os sujeitos e a realidade pesquisada se insere no que chamamos de *documentação direta*. Esta é a fase do levantamento de informações onde os fenômenos ocorrem. Ela acontece por meio da pesquisa de campo, permitindo a inserção do pesquisador no movimento da realidade que se propôs a compreender. Ir a campo não é algo aleatório, é preciso ter claro os objetivos e a escolha dos recursos a serem utilizados para a coleta de dados e informações. Olhar e permear a organização social e cultural do outro, com base nos procedimentos metodológicos claros e definidos é parte integrante e substancial da pesquisa de campo. Neste sentido, conforme Suertegaray (2001, p. 03) “[...] a pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito.”

Para Marafon (2009) uma das funções mais importantes da pesquisa de campo é transformar as palavras, os conceitos em experiências, em acontecimentos reais para a concretização dos conteúdos. No campo, a teoria é confirmada, negada ou se contrapõe, por isso, o pesquisador deve estar atento ao movimento, mantendo um diálogo dialético permanente entre a teoria escolhida e a realidade pesquisada.

Gobbi e Pessôa (2009) afirmam que a pesquisa de campo é uma atividade de grande importância para a compreensão e a leitura geográfica do espaço, possibilitando

o estreitamento da relação entre a teoria e a prática. Durante a realização da pesquisa algumas questões são postas de forma mais imediata, como resultados das elucubrações teóricas, enquanto outras, vão aparecendo no decorrer da pesquisa de campo. Por isso, a relação dialética entre a teoria e a empiria ou, as processualidades que a realidade pesquisada manifesta, interage com a escolha teórico-metodológica como forma de dar respostas aos problemas que vão surgindo no decorrer da pesquisa.

Conforme Thomaz Júnior (2005), o trabalho de campo considerado o “laboratório por excelência do geógrafo”, se apresenta como uma alternativa concreta de executar/praticar a leitura do real, sendo assim, um momento ímpar do exercício da práxis teórica. Isso mostra que o campo não é vazio de teoria. O processo cognoscitivo da realidade empírica está carregado de teoria. Por meio desse processo, estabelecemos o contato com os diversos sujeitos da pesquisa como garimpeiros, fazendeiros, camponeses. Foi no campo que as entrevistas, a observação e o diário de campo foram concretizados. O uso de equipamento fotográfico, filmadora, Sistema de Posicionamento Global (GPS), gravador de voz e o diário de campo foram imprescindíveis.

Nos vales e margens dos rios em Coromandel, pobres ficaram ricos, garimpeiros choraram de emoção ou de tristeza, enquanto outros sorriam ou lutavam persistentes, mesmo passando anos no garimpo e não encontrando nem mesmo um *xibiu*⁷. Entre os garimpeiros e camponeses, compartilhamos diversos momentos de aprendizado. Na pesquisa de campo no mês de outubro de 2011, tivemos a notícia da morte de alguns desses sujeitos, mas, parte de seus conhecimentos e ensinamentos foram deixados. Os olhos ainda brilhantes dos velhos de fala baixinha e cansada, os fortes apertos de mãos em agradecimentos e despedidas. São sujeitos conhecedores impecáveis do trabalho e das tramas cotidianas que permeiam a produção da existência nos garimpos. O conhecimento e as experiências que compartilharam, pareciam exigir que, de alguma forma, se materializassem em palavras escritas. Eram histórias de vida misturadas com lendas, sonhos, perdas, lutas e esperanças que passaram de geração a geração, e pela primeira vez estavam sendo registradas pela linguagem escrita, pois faziam parte apenas da memória dessas pessoas. Nesta pesquisa, procuramos publicizar suas vozes, mas, também seus silêncios.

Para compreender as relações de trabalho dos garimpeiros, os saberes e as sociabilidades construídas por eles, foram necessárias longas entrevistas e pesquisa de campo participativa nos *espaços tradicionais do garimpo* em Coromandel/MG. Os *espaços tradicionais do garimpo* não se limitam à garimpagem de diamantes, eles abrangem as Comunidades Camponesas, pequenas propriedades onde vivem famílias e *trabalhadores da terra*, alguns já foram garimpeiros outros não. Desta forma, *grafados* pela atividade garimpeira esses espaços forjam territórios, permeados por conflitos (muitas vezes ocultos) e interesses diversos, mas também por símbolos e significados que envolvem o labor na terra e no garimpo, localizados principalmente nos vales dos rios e córregos.

A pesquisa de campo no município de Coromandel/MG teve como objetivo obter os conhecimentos para os problemas suscitados e para os quais procuramos respostas. Foi através da pesquisa de campo que fizemos a coleta de dados e informações da realidade, posteriormente organizados e interpretados. Para isso, utilizamos técnicas e procedimentos no âmbito da pesquisa qualitativa, como a pesquisa participante.

Pesquisa participante: um *(des)encontro* de vidas, histórias e saberes

Participar do movimento da vida, das ações cotidianas, observar, conversar com os sujeitos, ouvi-los e registrar tudo isso, é um tipo de metodologia que amplia os horizontes da percepção do real e dos fenômenos pesquisados. Por exemplo, Friedrich Engels (2008) conviveu com os operários ingleses, em bairros, casas, debateu com eles, os observou no trabalho, na vida cotidiana, conheceu a fundo a existência e as condições de vida desses trabalhadores, antes de publicar suas pesquisas sobre a classe trabalhadora na Inglaterra do século XIX, no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

Da mesma forma, Émile Zola (2000), antes de escrever seu romance, *Germinal*, conviveu com os mineiros e chegou até a trabalhar nas minas de carvão francesas, viu homens sendo soterrados, crianças e velhos, homens e mulheres explorados em troca de baixos salários, presenciou a precariedade das moradias, a exaustão, a fome e ainda, acompanhou os movimentos grevistas, ou seja, Zola participou da vida deles.

Borges (2007) evidencia que a pesquisa participante é uma técnica em que o processo de observação deve ser feito de maneira direta, ou seja, o observador, ao analisar, participa da vida do grupo a ser pesquisado. É um processo pelo qual o pesquisador deve se integrar ao grupo, analisando-o de dentro para fora, por meio de vivências e convivências cotidianas. Neste sentido, a pesquisa participante é considerada importante como opção metodológica na pesquisa de campo.

O observador precisa ter uma capacidade aguçada para captar no movimento do real, o visível e, ao mesmo tempo o invisível, o dito e o não dito, ou seja, as pausas, os suspiros, os silêncios. Para um garimpeiro, o solo, a disposição dos rios e córregos, o tipo de cascalho e a vegetação, os sonhos, imaginários e a intuição possuem significados que foram compreendidos pelos pesquisadores aos poucos. Quanto ao cascalho, por exemplo, a prática o ensinou a reconhecer boa *forma*⁸ só num relance de vista. *Se o cascalho informa bem a peneira tira a dúvida*. São saberes adquiridos no decurso das experiências existenciais e no trabalho cotidiano desses sujeitos, apreendidos lentamente, com a ajuda da pesquisa participante.

Por isso, não podemos *invadir* o mundo dos sujeitos sociais com uma atitude imediata de pesquisa. De acordo com Brandão (2007, p. 13),

É muito enriquecedor viver um tempo que, dependendo do tempo global que você tenha, pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias, quem sabe até um mês de puro contato pessoal, se possível até de uma afetiva intimidade com os bares, as ruas, as casas, as pessoas, os bichos, os rios e assim por diante.

Brandão (2007) chama esse primeiro contato com os sujeitos da pesquisa de “o primeiro nível do sentir”. Isso permite ao pesquisador conhecer o lugar, as pessoas, saber como elas são e como pode se deixar imbricar em um mundo que não é vazio, mas entrecruzado por práticas, religiosidades, pertencas e conheceres. Partindo deste pressuposto, o pesquisador ameniza os riscos de ser recebido como um invasor, aplicando questionários aleatoriamente sem primeiro se identificar. É preciso reconhecer e ser reconhecido pelos sujeitos e, isso foi fundamental no decorrer na pesquisa de campo nos garimpos de diamantes.

Para Brandão (2007) a pesquisa participante se faz estando pessoalmente no lugar e observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar da vida cotidiana das pessoas. Por isso, o contato prévio com os garimpeiros, camponeses e

fazendeiros, por exemplo, foi essencial. Com esse primeiro contato, buscamos apresentar os objetivos da pesquisa, a permissão em fornecer informações, enfim, um esclarecimento que é necessário e primordial para fortalecer nossa relação com os sujeitos.

Nos garimpos, fomos convidados para conhecer outros garimpeiros, contaram histórias de grandes *bamburros*⁹, alguns mostraram fotos, *formas de diamantes* e *xibius* e ainda, falaram de sonhos e angústias. Na medida em que fomos estabelecendo uma relação de maior confiança, surgiram outros que forneceram novas informações e documentos que contribuíram para a pesquisa, como jornais e fotos. Chegamos a passar dias inteiros conversando com camponeses e garimpeiros, observando o trabalho na “roça” e no garimpo, participando e assistindo a vida acontecer. Alguns tocaram violão, cantaram músicas, falando versos e contando histórias e causos.

O labor cotidiano dos garimpeiros não se encerra com a materialidade dos territórios. Nos *espaços tradicionais de garimpagem*, além da materialidade dos territórios, histórias de almas penadas, espíritos e assombrações também compõem o imaginário dos sujeitos. Como expõe um garimpeiro entrevistado: “*O lugar que tem diamante grande ele é um serviço diferente. Vamos supor, tem a intuição de sofredor ali. Sofredor que eu falo é essas coisas, as almas de pessoas que ficam de vigia no garimpo, pagiano uma pedra. É isso que faz assombração no garimpo. Então ocê vai garimpar, mora ali de noite, joga pedra, chora dentro da cata, gente grita ali, gente lava cascalho, é esse tipo de coisa. Quando tem garimpeiro que morre no garimpo ele vigia o lugar dele. Pedra tem vigia, não é qualquer um que pega ela, se não for dono não pega mesmo, tem mistério.*”

São imaginários e sociabilidades que permeiam os espaços de garimpo. Os sonhos também movimentam esperanças e persistências na garimpagem. Os garimpeiros atribuem significados diversos a seus sonhos. “*Sonho com vaca parida, carneiro, mulher pelada, mulher vestida de noiva e criança dentro da cata é diamante no picuá, pode garimpar sem medo*”, expõe um garimpeiro. Também diz que tem os “*sonhos da má sorte. Se estiver garimpando e sonhar com sal, pé de pimenta ou árvore seca perto da cata, aí pode sair fora do serviço porque não tem diamante*”. Por outro lado, para os garimpeiros a maioria dos sonhos manifestam uma indicação positiva, símbolo de esperança, construída na sutil fronteira entre a realidade e o devaneio.

Os sonhos têm tanta influência que até pessoas que nunca garimparam, quando sonham com diamantes costumam “arriscar a sorte” no garimpo. *“Muitos sonhavam, falavam que sabiam onde estava o lugar diamantino, então iam e marcavam o lugar e dava certo. O caboco nunca foi garimpeiro, vivia de plantar roça, mais sonhava com um diamante ia lá e pegava, experimentava a sorte, depende de acompanhar o sonho”*, explicou um garimpeiro. Sonho com mulheres nuas, crianças, animais, luz, água limpa ou turva, água dentro da cata e assim por diante, os garimpeiros relacionam seus sonhos com o garimpo e o possível sinal intuitivo de sorte.

Segundo as palavras do próprio garimpeiro, *“[...] o sonho pra mim é positivo mesmo. Toda vez que eu sonhei com mulher nua dentro do meu garimpo eu sempre tenho trazido o diamante, vem mesmo, pra mim vem. É de qualquer tipo que pega, se a mulher for feia, veia banguela. Sonho com criança é xibiu, é desse jeito, pra mim o sonho é esse. Eu também sonhei uma vez que tinha um animal morto dentro da água, numa lagoa que eu garimpava perto, aí eu fui pra lá lavar um resto de cascalho que tinha, outro garimpeiro me deu ele a meia pra lavar e tive esse sonho. Eu pensei que podia ter um xibiu naquele cascalho, aí eu lavei e só tinha um xibiu mesmo, eu peguei e valeu.”* Para uns, sonho de garimpeiro é apenas ilusão, para outros não tem erro, se sonhou o bamburro é certo. *Sonho de garimpeiro é diamante no picuí.* Nos espaços tradicionais de garimpagem estabelecemos contatos com homens que vivem na terra e além de garimpeiros são considerados benzedores e raizeiros. Mostraram as plantas do Cerrado que usam como ervas medicinais. Segundo um garimpeiro, quando adoecem no garimpo, alguns recorrem a benzeções, simpatias, raízes, folhas de plantas do Cerrado. Conhecem bem esse bioma e dele retiram raízes que consideram medicinais. Um camponês e “antigo garimpeiro” deixa isso claro: *“[...] eu venho tendo conhecimento de raiz desde criança. Minha mãe saia comigo pros campos, rancava uma raiz aqui, outra dali, outra aqui e ia me ensinando a serventia. Isso aqui é pra isso, isso é pra aquilo. Estou te explicando porque se um dia ocê for no médico e ele não te curar, ranca essa raiz, ela te cura abaixo de Deus. Então aprendi a metade do que eu sei com minha mãe e a outra metade foi pelo mistério de nosso senhor Jesus Cristo. Ela me guiou e nosso senhor acabou de fazer o resto pra mim. A gente mexe com cura também, a gente benze. Aqui a sexta feira não é minha, é do povo. Na sexta feira eu não trabalho, só recebo o povo que precisa de benzeção, tendo fé cura muitos tipos de problemas.”*

Em contato com esses sujeitos, também caminhamos em roças de milho, arroz e abobreiras, plantados manualmente em áreas de várzeas. Observando o plantio e sentados numa sombra, conversamos sobre a vida no campo, o garimpo, a importância da terra e a fartura que ela traz. No labor cotidiano, a esperança desses sujeitos é “*pegar um diamante grande*”. Mas, plantar roça e garimpar são atividades que se hibridizam com a vida e trabalho na terra. Essa mistura de sociabilidades e saberes permitiu chamá-los conceitualmente de *camponeses garimpeiros*. Na conversa com alguns desses sujeitos, muitos desempregados ou vivendo de aposentadoria, percebemos que a memória do trabalho na terra é indissociável do labor no garimpo. “*A gente vivia na roça, plantava, colhia e no tempo vago ia pro garimpo arriscar a sorte, hoje a gente lembra desse tempo e sente saudade*”, disseram.

Entrevistamos camponeses que conhecem os saberes que permeiam a atividade garimpeira, mantendo uma relação de pertencimento com o lugar onde vivem e trabalham. Muitos informaram que já garimparam muito, pegaram diamante, investiram em casa na cidade, lotes, carro e dinheiro no banco, mas continuam no campo. Para alguns, a permanência na terra ou no garimpo também carrega um sentimento de pertencimento, compartilham com o lugar lembranças e histórias da família e amigos, momentos de alegria, solidão, perdas e sonhos. Outros deixaram a terra e o garimpo e foram para a cidade (Coromandel). Tivemos a oportunidade de entrevistar alguns desses sujeitos, resgatar a memória do tempo no garimpo, das relações de trabalho, dos diamantes garimpados e das esperanças que ainda alimentam. Velhos garimpeiros sempre trazem a lume lembranças de momentos acompanhadas por risos, tristezas, silêncios e nostalgia.

É possível relacionar a pesquisa com o movimento da vida, e muitas vezes ele é simples, surpreende e inspira com a poesia inaudita. Ou então, nas experiências com a simplicidade, descobrimos a complexidade do universo das racionalidades e significados dos espaços sociais da vida e trabalho, dos sujeitos que propomos a pesquisar. E, aquele que se lança numa pesquisa adentrando *territórios da existência*, diante das impressões fenomênicas está sujeito a surpresas, dúvidas, devaneios, angústias e até mesmo revolta, por isso, em momentos como na pesquisa de campo, o uso do diário de campo é essencial para registrar tudo isso.

Diário de campo e o registro das expressões fenomênicas e experiências vividas

Na pesquisa de campo, a confecção do diário de campo é fundamental e necessária, como forma de expressar as experiências vividas, as percepções e o olhar espacial integrado sobre a realidade social nos territórios existenciais dos sujeitos pesquisados. Com essa técnica foi possível registrar a forma como os garimpeiros e camponeses trabalham e se organizam, os conhecimentos e fazeres, a relação com o companheiro e as histórias contadas.

Para Venâncio e Pessôa (2009) a técnica de construir um diário de campo, mesmo tendo uma significativa importância no processo de investigação da realidade percebida, é pouco utilizada pelos pesquisadores. Mas, nesta pesquisa atribuímos a essa técnica (diário de campo) um recurso indispensável para o levantamento de informações e registro dos elementos e experiências vivenciadas e observadas na pesquisa de campo. O diário de campo permite exercitar o olhar na tentativa de apreender vivências experienciadas nos territórios e em contato com os sujeitos. Também abre espaço para a espontaneidade, como forma de gravar o que observamos de maneira imediata, recorrendo a anotações diante do fenômeno apreendido.

Através do diário de campo foi possível expor os vários elementos observados na realidade pesquisada e relacioná-los com as preocupações e problemáticas levantadas, de acordo com a percepção imediata da relação com a realidade e os sujeitos. Por meio da observação, em determinados momentos escrevíamos sobre nossas experiências em campo e em outros, também fazíamos desenhos, observando o movimento cotidiano dos trabalhadores no garimpo.

Desenho - Garimpeiro manual e o labor cotidiano da garimpagem em
Coromandel/MG



Autor: GONÇALVES, R. J. de A. F., 2011.

Com o diário de campo em mãos e ao observar o trabalho no garimpo, vários desenhos foram feitos. Munido pela inspiração poética e como um artista, capaz de expressar percepções, devaneios e fazer delas uma obra de arte, o pesquisador que domina a técnica do desenho materializa e expõe a maneira de olhar e perceber o real e até mesmo se defrontar com o irreal.

O contato e a relação do pesquisador com os fenômenos estudados criaram condições para absorver o que está além da aparência, por isso, ter um diário de campo é essencial para que esse momento de lucidez e imersão imediata de ideias seja registrado e posteriormente ordenado, conforme necessário. O diário de campo também foi utilizado em momentos de solidão, após as entrevistas com os sujeitos da pesquisa, que também foram fundamentais no decurso da pesquisa de campo.

As entrevistas: *“o tempo passa, mas as histórias ficam vivas na memória da gente”*

As primeiras entrevistas com os “velhos” camponeses e garimpeiros propiciaram momentos onde experienciamos a riqueza das memórias desses sujeitos. Isso despertou a necessidade em aprofundar as leituras sobre memória e o uso de fontes orais. Diante

disso, autores como Thompson (1992), Bosi (1994) e Portelli (1996, 1997, 2004) contribuíram para ampliar as percepções diante da realidade e dos sujeitos pesquisados, na medida em que optamos em priorizar o uso das fontes orais. Percebemos que era preciso ganhar a confiança das pessoas, para que assim, elas *abrissem suas memórias*. Como um “garimpeiro”, cavamos fundo nas memórias dos sujeitos na procura das “riquezas” de conhecimentos, muitas vezes ainda ocultos, desafiando o olhar atento do pesquisador.

Metaforicamente, em certos momentos foi preciso tornar-se um “garimpeiro de memórias”, e nesse tipo de “garimpagem”, encontramos lições de vida, relações de solidariedades, histórias e exemplos de luta e sonhos que não são aprendidos em nenhum banco escolar ou nem mesmo nos densos livros das vastas bibliotecas. Isso se tornou as belas e raras riquezas que encontramos entre os “pobres” camponeses e garimpeiros que contribuíram para essa pesquisa. De certa forma, nos enriquecemos, não encontrando diamantes, mas conhecimentos que não podem ser roubados ou perdidos, porque agora fazem parte da própria existência, se entrecruzando vida e trabalho na produção da existência.

Na pesquisa de campo, a aquisição de informações mediadas pelas entrevistas, facilita e fortalece a interação com os sujeitos pesquisados. Diferente do questionário, as entrevistas propiciam o contato direto com o informante. Primeiro a pesquisa de campo permitiu pensar, interagir, participar das relações sociais, observar, aprender e assim, poder fazer um roteiro de entrevistas conforme os objetivos pretendidos. Para Brandão (2007, p. 11),

Uma das coisas que eu acho que mais tem comprometido uma certa qualidade de trabalho de campo é que, hoje em dia, esse dado tão rico do ver e compreender, do participar diretamente das relações sociais, e que mais uma vez eu quero dizer, não só é material de pesquisa, como é material para ser pensando, para daí fazer o roteiro de entrevista, isso tem sido abandonado em favor da pura entrevista. E de uma entrevista que se faz com gravador e que é padronizada, uma espécie de questionário mecânico, eletrônico.

Por isso, as entrevistas também exigem espontaneidade e paciência. É preciso observar, pois os olhares, os gestos, a entonação da voz, as pausas e silêncios expressam elementos que não ficam claros nos diálogos. Muita coisa é inaudita e difícil de colocar no papel, pois o pesquisador lida com emoções e um mundo penetrado por símbolos e

cosmologias. Quando uma pesquisa é realizada, depois das entrevistas é preciso refletir sobre os fatos pesquisados e a sua própria existência, pois, participa do mundo dos “outros” e eles participam do seu.

Ao entrevistar ou ser entrevistado, saberes são compartilhados com as pessoas pesquisadas. Há uma relação de troca pedagógica e substantiva entre o sujeito que conta e o que ouve. Oliveira e Brandão (2009, p. 237) dizem que nessa relação

[...] ambos sofrem um processo de mutação. Eu posso assegurar que não sou a mesma, porque agora sei e partilho o que os outros me contaram, compartilhando com todos e cada um os seus mundos vividos e sonhados. Quando contamos nossas vidas, enlaçamos o outro. Trazemos o outro para nós. Nem o que conta e nem o que ouve serão mais os mesmos. O que conta, porque revela algo de si e de sua vida, e o outro que escuta, porque agora sabe o que foi contado e que antes não sabia.

Essa dialética de saberes que está presente no movimento da vida deixa claro que, as entrevistas expressam histórias, emoções e significados que dialogam, numa relação entre sujeito/sujeito, “um encontro de vidas, um encontro de almas” (OLIVEIRA; BRANDÃO, 2009, p. 238). Alguns sujeitos não se abrem num primeiro momento, isso é um direito deles e deve ser respeitado. Por outro lado, isso também depende da capacidade do pesquisador de entrar nesse universo e estabelecer um diálogo.

No primeiro momento, a partir da relação imediata com os garimpeiros, camponeses e outros sujeitos entrevistados foi necessário esclarecer nossas intenções e “ganhar” a confiança deles aos poucos, respeitá-los e valorizar o que sabem. Além disso, um procedimento que nos ajudou bastante foi ir às casas dos garimpeiros e camponeses assim como nos garimpos, acompanhado por um conhecido. Nesse processo, a escolha dos sujeitos foi essencial, com aproximadamente 35 entrevistados entre camponeses, *trabalhadores da terra*, garimpeiros, *fornecedores*¹⁰, lideranças políticas, comerciantes e *capangueiros*, geralmente sujeitos envelhecidos e que já mantiveram alguma relação com o garimpo ou experienciaram o labor na garimpagem.

No decorrer das idas a campo, nos primeiros encontros com homens e mulheres, optamos pelo uso da entrevista não estruturada, de forma que se introduz um assunto e o entrevistado tem a liberdade de discorrer sobre a questão posta. De acordo com Matos e Pessôa (2009) a entrevista não estruturada tem por objetivo a exploração mais intensa

do assunto, dando ao entrevistado liberdade para falar do tema. Esse é o momento em que estávamos conhecendo a área e os sujeitos, por isso, é importante dar ênfase na espontaneidade, fazendo perguntas apenas em consonância com o que era dito. As conversas informais com os sujeitos abrem espaços para sorrisos, pausas e causos, numa relação em que saber ouvir é essencial. “Um prosear sem pressa, como um remanso de águas calmas de um rio”, como diz Oliveira e Brandão (2009, p. 236).

Com o reconhecimento mais detalhado da área, dos sujeitos, o uso de entrevistas semi-estruturadas é importante. Matos e Pessôa (2009) demonstram que esse tipo de entrevista é recomendado, porque possibilita a obtenção de informações além das previstas. Além disso, ela exige um planejamento para seu desenvolvimento. Na relação com os entrevistados, determinado questionamento pode abrir espaço para que eles possam falar ou complementar informações relacionadas à pesquisa. No decorrer das entrevistas, reconhecer os momentos do silêncio e de fazer as perguntas foi essencial, pois, “[...] quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas” (THOMPSON, 1992, p. 254).

As entrevistas com os velhos garimpeiros e ao mesmo tempo, sorrir com eles, se emocionar ao ouvir as histórias contadas, suas e dos companheiros foi mergulhar em um mundo de possibilidades, esperanças, dificuldades, aventuras, sonhos e saberes. Resgatar a memória desses sujeitos foi também vivenciá-las, se deixar penetrar nos horizontes da imaginação. Após as entrevistas, em momentos de solidão, de encontro com si mesmo para depois avançar na construção teórica da pesquisa, a imaginação desprende-nos, percorrendo as fronteiras entre o real e o irreal, “imaginar é abstrair a realidade para a ela voltar após o sonho” (SERPA, 2008, p. 65).

Como um “garimpeiro de memórias”, as pessoas com quem experienciamos momentos e foram entrevistadas dificilmente deixavam de contar alguma história, causos ou lendas sobre o garimpo e os garimpeiros, fantasmagorias ou fatos reais. Sem nenhum fato documentado, mas tudo com base na memória dos sujeitos, parte do que foi ouvido pôde ser registrado. São várias histórias e causos. O pai que encontrou o diamante e na volta pra casa deu a pedra para a criança ir brincando com ela, como se fosse uma bolinha de gude. O camponês que não conhecia diamante e encontrou uma pedra, achou bonita e a guardou por meses no buraco da parede de sua casa, feita de

adobe. A criança que encontrou um diamante no caminho da escola e, sem conhecer, deu de presente para a professora. O camponês que foi tirar leite e ao agachar encontrou um diamante no cascalho do curral. Outro garimpeiro encontrou um diamante que era tão grande que não adentrava na boca de um copo.

Nem tudo o que foi ouvido está transcrito, registramos fragmentos, mas, a totalidade ampliou nossa compreensão do movimento através das memórias dos sujeitos. Como mostra Bosi (1994, p.39),

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

Com ênfase nas entrevistas com os garimpeiros, camponeses, fazendeiros e donos das áreas de garimpo, buscamos explorar informações sobre a organização dos garimpeiros. Sem se preocupar com experiências esquematizadas, em muitos momentos não fizemos planejamentos, deixamos a conversa fluir. Assim, em momentos de informalidades, as conversas fluíam e foi possível captar explicações primorosas. Sempre procurando evitar fazer anotações diante das pessoas. Também importante, procuramos atentar para questões como as palavras usadas, o modo de falar e o tom da voz. Como ensina Thompson (1992, p. 258),

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista.

No decorrer da pesquisa, em diversos momentos aproveitamos para adentrar em conversas sobre o garimpo ou apenas ouvir as pessoas conversarem ao lado. Muitas vezes, dentro dos ônibus que percorrem as Comunidades Camponesas de Coromandel, ouvia as pessoas comentarem sobre garimpo, sobre a sorte ou faina dos garimpeiros, dos parentes e amigos garimpeiros, os grandes diamantes, o garimpeiro que ficou rico,

comprou fazenda, outro que perdeu tudo. Diante disso, em certos momentos ficava apenas ouvindo e observando com atenção. Algumas vezes, as pessoas sentavam no banco ao lado e nestes momentos, aproveitava para conversar informalmente, sem falar que era estudante ou pesquisava o garimpo. Em ambientes e momentos como esses a pesquisa também foi se delineando.

As entrevistas com os “velhos” garimpeiros e camponeses, já nos limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário, exigiu paciência, perguntando quando necessário, saber ouvir a voz calma e cansada, respeitando os momentos das pausas. Aqueles corpos já alquebrados, também guardam dentro de si, sonhos e esperanças. Conforme Bosi (1994, p. 39), “quando a memória amadurece e extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado; dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis.”

No município de Coromandel/MG, o trabalho, o saber fazer, interesses e conflitos que urdem os territórios, demonstram as múltiplas racionalidades e sociabilidades que transitam a realidade que está diante de nós. Uma realidade que chama a geografia a interpretá-la. Com a pesquisa qualitativa, novos olhares são lançados sobre o mundo, utilizando de uma pluralidade metodológica que mostra o movimento das ciências, reformulando teorias, métodos e procedimentos que estão a disposição do pesquisador. Isso contribuiu para adentrar aos territórios da vida e do trabalho dos sujeitos em Coromandel, que se confluem com a atividade garimpeira e as trajetórias existenciais e de trabalho dos garimpeiros.

Considerações Finais

Com a pesquisa desenvolvida nos garimpos de diamantes em Coromandel, as contribuições dos procedimentos metodológicos qualitativos abriram espaços para novos diálogos, análises e interpretações. Para adentrar os territórios materiais e imateriais do trabalho dos garimpeiros, onde o saber fazer cotidiano também é pressagiado por superstições e fantasias, a relação entre a análise geográfica dos fenômenos no espaço e a produção dos territórios foi desenvolvida sem perder de vista as práticas socioculturais dos sujeitos pesquisados. Não é possível existir vida sem solidariedade e construção de pertencas.

Fortalecida pelos procedimentos metodológicos qualitativos em Geografia, a pesquisa procurou penetrar nos territórios sem separar a materialidade histórico-social da imaterialidade cultural e simbólica, indo nos densos lugares da existência humana. Além disso, a leitura geográfica exigiu a captura das tramas e processos, conflitos e disputas, muitas vezes com desdobramentos e conteúdos não revelados. Ter o olhar orientado para as relações de poder e dominação que permeiam os espaços controlados pelo capital, mas também para os espaços cotidianos da vida e do trabalho, enquanto dimensão da experiência humana dos sujeitos nos *espaços tradicionais de garimpagem*, contribuindo para recuperar a ideia de espaços tradicionais em processo de transformação.

Assim, com o apoio de técnicas qualitativas como entrevista, diário de campo, observação e pesquisa participativa foi estabelecido um contato direto e pedagógico com os trabalhadores e territórios onde vivem e constroem trajetórias existenciais de lutas, relações de poder e sonhos. Isso demonstra que através da pesquisa qualitativa a Geografia é expandida para um campo mais brando e ao mesmo tempo político, com múltiplas formas de interpretações, contribuindo para os diversos campos da pesquisa e do saber geográfico. Talvez, nunca tenha sido tão atual a tese de que necessitamos de rigor teórico-metodológico, todavia sem jamais perder a ternura!!!

Notas

¹ Os *espaços tradicionais de garimpagem* são movimentados por sujeitos que hibridizam a vida e o trabalho na terra com o garimpo, identificados na pesquisa como *camponeses garimpeiros*. Essa compreensão também permitiu outra demarcação conceitual, ou seja, pensar esses espaços como *Comunidades Camponesas Garimpeiras*, contribuindo para recuperar a ideia de espaços tradicionais em processo de transformação. Além disso, pensar o sujeito *camponês garimpeiro*, compreende terra, água e subsolo (diamantes) como condição para a sua existência. Quando perdem o direito de uso de um desses elementos (como o subsolo), pode-se dizer que representa uma ruptura no processo de produção existencial da vida e do trabalho. A presença dos diamantes nos espaços tradicionais da vida e do trabalho dos camponeses e *trabalhadores da terra*, e as relações sociais que decorrem desse processo expressa territórios forjados por relações de poder, interesses e conflitos. Na pesquisa de Mestrado também demonstramos que o *subsolo pode ser entendido como território em disputa*. Gonçalves (2012).

² O termo origina-se ainda no século XVIII nas minas diamantíferas de Minas Gerais. No contexto da época, diante do extravio de diamantes, Santos (1978, p. 217) diz que “entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores.” Em Coromandel, o termo *capangueiro* é usado para se referir aos compradores de diamantes e, na maioria das vezes são sujeitos residentes na própria cidade ou municípios vizinhos, como Monte Carmelo, Uberlândia, Patos de Minas e Patrocínio. Além disso, geralmente formam uma trama de acordos e contatos entre si ou com grandes compradores de centros maiores.

-
- ³ É uma espécie de *porta-diamantes* feita artesanalmente. Uma peça oca onde os garimpeiros guardam os diamantes, feito de canela de lobo, pedaço de bambu, semente de jequitibá, chifre ou cano pvc, com o fundo e a tampa de madeira. O *picuá* de canela de lobo, geralmente mais raro entre os garimpeiros, é considerado uma peça que traz sorte e *bamburro* no processo de garimpagem.
- ⁴ Para Mendonça (2004, p. 29) “[...] são aqueles que exercem o labor na terra e, portanto, possuem no trabalho rural as condições essenciais para a sobrevivência. Compreende os trabalhadores rurais assalariados, nas suas diversas modalidades, camponeses, agregados, parceiros, arrendatários etc., que estabelece o sentido pleno da vida na terra e, em situação de *desfiliação social*, forjam a luta pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital.”
- ⁵ A peneira é um dos principais instrumentos usados pelos garimpeiros no processo de garimpagem manual. Com as peneiras é feito o processo de lavagem final do cascalho diamantífero. Ver Gonçalves (2012).
- ⁶ Pelá; Mendonça (2010, p. 54) compreendem a (Re)Existência “[...] enquanto um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. Significa re-enraizar para continuar enraizado ou poder criar novas raízes e mesclá-las com as já existentes, formatando espacialidades como condição para continuar (Re)Existindo.”
- ⁷ Diamante pequeno, normalmente inferior a 3 ou 2 quilates. Também chamado pelos garimpeiros de *grinfo* ou *olho de mosquito*.
- ⁸ São fragmentos de rochas de minerais densos identificados pelos garimpeiros no cascalho diamantífero. Para os garimpeiros, as *formas* acompanham o diamante, ou seja, são consideradas satélites dos diamantes.
- ⁹ “Pegar” diamante de peso e qualidade significativa, e ganhar muito dinheiro com o produto de sua venda. O *bamburro* geralmente é o sonho do garimpeiro, o objetivo que, conforme suas próprias palavras, pode justificar toda uma longa série de trabalho e dificuldades atravessadas até que se alcance algum resultado significativo, *mudar a vida com a virada da peneira*.
- ¹⁰ Sujeito que estabelece relação contratual com o garimpeiro, geralmente apenas com base na *palavra*. É ele que fornece alimentação, ferramentas ou um salário mensal, enquanto o garimpeiro (mão de obra explorada) trabalha no garimpo. O resultado do trabalho, ou seja, o diamante encontrado é vendido e os lucros são divididos de forma equivalente entre o fornecedor e o garimpeiro.

Referências

- BORGES, Maristela. Corrêa. Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In: RAMIRES, Julio. Cesar de. Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p.183-198.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.10, n.001, p. 11-27, 2007.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- GOBBI, Wanderléia. Aparecida de Oliveira.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões sobre o trabalho de campo. In: RAMIRES, Julio. Cesar de. Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p.485-508.

GONÇALVES, Ricardo. Júnior de. Assis. Fernandes. **A vida pode mudar com a virada da peneira:** (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAKATOS, Eva. Maria.; MARCONI, Marina de. Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUNA, Sérgio. Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução; elementos para uma análise metodológica. São Paulo: Educ, 2000.

MARAFON. Glaucio. José. O trabalho de campo como instrumento de trabalho para o investigador em Geografia Agrária. In: RAMIRES, Julio. Cesar de. Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa:** nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p.379-394.

MATOS, Patrícia. Francisca de.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, Julio. Cesar de. Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa:** nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p.279-292

MENDONÇA, Marcelo. Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MORAES, Antonio. Carlos. Robert.; COSTA, Wanderley. Messias da. **Geografia crítica:** a valorização do espaço. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1987.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Joycelaine. Aparecida de.; BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. Entre o murmúrio do rio e o despertar das lembranças. In: RAMIRES, Julio. Cesar de. Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação.** Uberlândia: Assis, 2009. p. 221-252.

PELÁ, Márcia.; MENDONÇA, Marcelo. Rodrigues. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. (Org.). **Cerrados:** perspectivas e olhares. Goiânia: Vieira, 2010. p. 37-50.

PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. Pesquisa e conhecimento: construindo os “saberes”... **Dialogus,** Ribeirão Preto, v.1, n.2, p. 15-27, 2006.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história diferente. **Projeto História**, São Paulo, v.14, p.25-39, fev. 1997.

_____. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa. Ribeiro. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 297-313.

_____. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

SANTOS, Boaventura de. Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7.ed. São Paulo. Cortez, 2009.

SANTOS, Joaquim. Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOUZA, M. M. O. de.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. Diagnóstico rural participativo (DRP): um instrumento metodológico qualitativo em geografia. In: RAMIRES, Julio. Cesar de Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 199-220.

SUERTEGARAY, Dirce. Maria. Antunes. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOGRAPHIA**, Rio de Janeiro, v.4, n.7, 2002.

THOMAZ JUNIOR, Antônio. Trabalho de campo: o laboratório por excelência do geógrafo. In: THOMAZ JÚNIOR, Antônio. **Geografia passo-a-passo: ensaios críticos dos anos 90**. Presidente Prudente: Centelha, 2005. p.20-26.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENÂNCIO, Marcelo.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. In: RAMIRES, Julio. Cesar. de Lima.; PESSÔA, Vera. Lúcia. Salazar. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p.317-336.

ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.